

Presidente sobe no palanque de Covas

JORNAL DE BRASÍLIA 25 JUN 1998

Fernando Henrique faz discurso de 16 minutos na estréia de sua participação na campanha do governador paulista

Ele pede ao povo que renove sua confiança na atual administração e destaca trabalhos na área de habitação

Osasco (SP) - O presidente Fernando Henrique Cardoso estreou ontem de manhã sua participação na campanha eleitoral do governador Mário Covas, candidato à reeleição pelo PSDB, o seu partido, com um incisivo discurso de 16 minutos em defesa da política do Governo federal. Aproveitando a inauguração de um conjunto habitacional em Osasco, região metropolitana da capital, o Presidente atacou os adversários que pregam a desvalorização do Real, anunciou investimentos na área social e, embora sem falar em votos, pediu ao povo que renove sua confiança na atual administração.

"Nós precisamos de vitórias e nós vamos ter vitórias", afirmou Fernando Henrique, após lamentar a derrota do Brasil para a Noruega, terça-feira, em Marselha. O povo, espera o Presidente, vai continuar dando a confiança de que o Governo precisa. "A mesma confiança que peço hoje, depois que o nosso time perdeu, para que esse time volte a ganhar", comparou Fernando Henrique, dando à palavra time um sentido ambíguo que tanto poderia significar a sua equipe como a Seleção de Zagallo.

Falando de improviso, o Presidente foi logo avisando que não é bom de discurso, pois gosta mais de conversar. E foi o que fez no palanque armado diante dos cinco blocos de edifícios financiados pela Caixa Econômica Federal e entregues a associados de uma cooperativa do Sindicato dos Taxistas de São Paulo. O Presidente, que falou em tom coloquial, bem à altura dos convidados, menos de 500 pessoas, que foram admitidos à festa.

A comitiva presidencial, da qual faziam parte os ministros do

Planejamento, Paulo Paiva, e do Trabalho, Edward Amadeo, desembarcou de um helicóptero do Exército, às 10h40, e voou de volta a Brasília 50 minutos depois. Foi o tempo estritamente necessário para o discurso de Fernando Henrique.

Além do governador paulista, dos ministros e do presidente da CEF, Sérgio Cutolo, dois políticos locais se destacaram no palanque - o prefeito de Osasco, Silas Bortolosso, e seu antecessor, Celso Giglio, candidato a deputado federal.

Sem falar nunca em eleição, Fernando Henrique não economizou elogios ao companheiro Mário Covas, sempre chamando a atenção para o seu alinhamento com o Governo federal. "No Brasil de hoje, não se pode fazer mais nada sozinho", afirmou o Presidente, pregando uma ampla cooperação da União com as administrações estaduais e municipais.

É uma cooperação que, observou, já existe no caso de São Paulo, como trabalho de rotina, sem fazer barulho. "Se há alguma culpa que o governador Covas e eu temos, é a de que nós não gritamos sobre o que nós fazemos. Fazemos pouco barulho sobre o que nós fazemos. Mas não precisa, porque quem faz muito barulho, o povo desconfia. O barulho tem que vir é do aplauso do povo na hora certa, tem que vir é do reconhecimento do trabalho sério, tem que vir é quando o País inteiro sabe que esses governos, o de São Paulo e o da União, são governos honrados, porque aqui não há ladrões, aqui não há gente desonesta, aqui não há escândalos, aqui há trabalho sério em benefício do País".



FERNANDO HENRIQUE ao lado de Covas: "No Brasil de hoje não se pode fazer nada sozinho"

"Quando é preciso, nós fazemos"

Ao ouvir esse discurso do presidente, Covas abriu um largo sorriso, sob aplausos de uma plateia cheia de mulheres e crianças que gritavam o seu nome. No palco do conjunto habitacional e nas ruas dos bairros vizinhos, dezenas de faixas salientavam a aliança tucana. "Fernando Henrique e Mário Covas unidos por São Paulo e pelo Brasil", diziam as faixas encomendadas pelo PSDB.

O Presidente lembrou o esforço que o governador fez para recuperar a Caixa Econômica Estadual (nenhuma referência ao Banespa, encampado pelo Governo federal) e considerou "impressionantes" os índices do saneamento básico do Estado - 95% de água encanada e 70% de esgoto tratado.

Depois de ressaltar também o trabalho de Covas na área da habitação popular, Fernando Henrique anunciou que o Governo federal investirá, nos próximos dois meses, R\$ 6 bilhões nesse setor, em todos os Estados da federação. Serão recursos comparáveis, disse

o Presidente, aos R\$ 8,3 bilhões que a União investiu em moradias nos anos de 1996 e 1997. Além de beneficiar cerca de 250 mil famílias, o Governo pretende com esses recursos aumentar a oferta de empregos, pois "nada gera mais depressa emprego do que a construção civil".

Fernando Henrique lamentou ter sido obrigado a aumentar a taxa de juros no ano passado, mas afirmou que não se arrepende da decisão tomada. "Não sou irresponsável e, naquele momento, disse que, entre a minha popularidade e o Brasil, fico com o Brasil". Se não tivesse dobrado a taxa de juros, observou, a moeda teria sido abalada e quem sairia perdendo seria o trabalhador. "Quem fica cacarejando aí que precisa desvalorizar é porque não tem apreço pelo trabalhador", criticou Fernando Henrique numa velada referência a seus adversários.

Insatisfação

O Presidente reconhece que a alta dos juros tenha causado insa-

tisfação. "Todo mundo gritou. Compreendo que gritem. Compreendo que quem vai comprar a prestação reclame. Mas não compreendo que quem pretende dirigir um país ou pessoas que são aparentemente competentes não percebam que ousem fazer o que eu fiz ou aconteceria com o Brasil o que aconteceu com a Indonésia", disse Fernando Henrique, respondendo indiretamente às críticas da oposição.

O clima era de campanha, mas nem Fernando Henrique nem Mário Covas admitiram isso. "Aqui estão ministros e aqui estão técnicos. Eles sabem que eu jamais telefonei a qualquer um deles para dizer 'faça isso, porque é do meu interesse político'. Sempre perguntei a eles o que é possível fazer de melhor para o interesse do povo. Quando é possível, nós fazemos; quando não é possível, nós não fazemos", afirmou o Presidente.

Na página 11, o pacote habitacional

Comitê tucano já enfrenta romaria

A duas semanas da inauguração oficial, o comitê de campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso já começa a receber uma romaria de políticos que, a pretexto de conhecer as instalações, aproveitam para tratar dos seus interesses nos Estados. Mais do que a harmonização dos palanques, esses políticos querem garantir a presença do presidente-candidato em comícios e outros eventos eleitorais a partir do dia 6, quando a campanha começa oficialmente.

Ontem, o movimento no comitê da reeleição começou cedo, liderado pelos tucanos. Um dos primeiros visitantes foi o governador do Mato Grosso, Dante de Oliveira, que teve um encontro com José Expedito Prata, assessor direto do candidato Fernando Henrique. "Nós trocamos idéias sobre a campanha e sobre o que fazer no Mato Grosso", contou Oliveira. A preocupação do governador tucano é saber como será encaminhado o palanque no Estado, onde o Presidente terá de dividir suas atenções entre a sua candidatura e a do senador Júlio Campos (PFL-MT), cuja coligação também apóia o Presidente.

"Vamos fazer tudo o que não atrapalhe o Presidente", disse. "Estou aberto a ajudar", afirmou Dante de Oliveira. Segundo ele, não haveria nenhum constrangimento em dividir a presença do Presidente com o palanque do seu adversário pefelista, mas esta é uma decisão que caberá a Fernando Henrique Cardoso. "O que não pode é subir em um só palanque", afirmou. "Ou sobe nos dois ou não sobe em nenhum", completou lembrando-se da campanha de 1994.

Naquele ano, Dante de Oliveira recebeu o apoio dos quatro candidatos à disputa presidencial (Fernando Henrique, Luiz Inácio Lula da Silva, Orestes Quércia e Leonel Brizola) e, para não criar melindres, retribuiu a força subindo nos quatro palanques.